



Vida & Arte

Os Sete Campos: a história entre Flávio e os retirantes da seca

Flávio Alves, cinegrafista da cidade de Senador Pompeu, tornou o trabalho de sua vida contar a história dos sete campos de concentração erguidos há um século no Ceará

[Início » Jornal](#)

Publicado 00:30 | mai. 27, 2023 Tipo **Notícia** Por **Guilherme Siqueira**

[Notícia salva](#)[Comentar](#)

ouça este conteúdo

readme



0:00

1.0x

Flávio Alves quer contar uma história há quase 30 anos. Filho da cidade de Senador Pompeu, ele trabalha para que os detalhes sobre os campos de concentração, capítulo sombrio da história cearense, sejam de forma definitiva fixados na memória coletiva do Estado. O realizador audiovisual assumiu como missão lançar olhar para esse momento doloroso marcado pela seca e pela falta de assistência aos retirantes. Driblando dificuldades orçamentárias, ele se prepara agora para lançar o longa-metragem “Os Sete Campos”.



Veja a matéria



Foto: Laiane de Paula Silva

Flávio Alves e equipe realizando entrevistas para o documentário Os Sete Campos

Buscando maneiras de narrar esse momento histórico, Flávio gravou, em 1994, uma encenação dramática da história do Campo de Patu, na região de Senador Pompeu. Apesar dos desafios, conseguiu compilar uma demo do filme “Serca Seca”, sua primeira produção, mas não a última vez que criaria conteúdo sobre as construções. Agora, está focado em falar dos setes campos que marcaram o Ceará.

A pesquisa para o documentário nunca se encerrou, mesmo durante o período em que Flávio precisou conseguir empregos temporários para pagar as contas. Reuniu, ao longo dos anos, um acervo de 30 terabytes de arquivos, coletados em museus do Ceará e outros estados, emissoras locais, acervos familiares, animações e imagens aproveitadas de seu primeiro filme.



Veja a matéria



Foto: Laiane de Paula Silva
Entrevistas para o documentário Os Sete Campos, de Flávio Alves

Entre os arquivos enviados para a reportagem, anexou matérias de décadas passadas de jornais que contavam sobre seu primeiro filme. O Vida&Arte, em 20 de dezembro de 1997, escreveu sobre as dificuldades que Flávio enfrentou durante a produção de "Serca Seca". À época, inexperiente e com poucos recursos, acumulou dívidas que o levaram a São Paulo, onde trabalhou como camelô para tentar angariar fundos para seu projeto.

Agora, seu material contém entrevistas inéditas com sobreviventes dos campos, imagens raras de Getúlio Vargas em Quixeramobim, além de trechos inéditos de uma entrevista de Rachel de Queiroz, feita pela TV Cultura de Sobral. Flávio conseguiu reunir fotografias dos campos que, após passar por uma reconstituição, também integram o documentário.

O cineasta explica que a intenção do projeto é criar uma fonte mais completa de informação a respeito do tema. Sobre o campo em Quixeramobim, por exemplo, havia poucas informações disponíveis. Na época em que Flávio produziu "Serca Seca", sequer se sabia o local exato da construção que reuniu os flagelados de forma desumana. Hoje, ele realiza entrevistas com arqueólogos, historiadores e pesquisadores, que permitem preencher as lacunas em sua pesquisa. Nas passagens em que não foi possível conseguir imagens de época ou fazer uma reencenação, ilustradores criaram imagens para acompanhar a narrativa. A equipe de "O Sete Campos" é toda composta por cearenses, com ilustradores de Senador Pompeu e animador do Cariri. Já a trilha sonora foi feita por Manassés de Sousa e Pingo de Fortaleza.



Foto: Serca Seca/ Flávio Alves/ ARTE JORNAL OPOVO
Reconstituição filmada para o filme "Serca Seca"

Questionado sobre o que gerou tanto investimento pessoal para a pesquisa de décadas, Flávio explica: “Eu sou filho de Senador Pompeu, e na minha concepção eu já vi tudo o que foi produzido [sobre os campos de concentração], principalmente na área audiovisual. Mas pelo tamanho da história, se precisava de um bom documentário, pesquisado, com imagem inédita, contado pelos filhos do campo”, defende.

“Esse material nós tínhamos guardado, mas tivemos que fazer todo um trabalho de telecinagem, digitalização, recuperação de fotos, então todo esse acervo nós tivemos que fazer um grande estudo para recuperar”, detalha Flávio.

Embora a associação imediata de “campo de concentração” seja vinculada aos massacres cometidos pelos alemães na segunda guerra, aqui no Ceará, uma construção foi erguida antes mesmo do primeiro campo nazista.

algo que o poder público desempenhou um esforço considerável para apagar. A distinção importante é que as construções nazistas eram também campos de extermínio, e no Ceará, embora houvesse mortes, essas foram decorrentes de doenças, fome e sede.

“Praticamente a mesma mão de obra foi usada aqui. As pessoas eram trazidas por trens, eram aprisionadas e eram enterradas em valas. Então por isso nós temos que revelar, através dos depoimentos inéditos, o que essas pessoas passaram”, explica Flávio.

A expectativa é que “Os Sete Campos” esteja finalizado até setembro. A produção espera que, com o lançamento, possa levar o filme para ser exibido em vários festivais de cinema. Já existe negociação com serviços de streaming que buscam comprar os direitos do documentário para seus catálogos, e traduzi-lo para outros idiomas.

E Flávio, que dedicou 30 anos de sua vida a esse projeto, quando questionado sobre o que fará após ver a culminância de todos os seus esforços no cinema, responde: “O próximo passo é montar uma série com dez episódios”.

Os campos

O primeiro campo de concentração foi criado pelo coronel Benjamin Liberato Barroso, interventor federal no Estado, durante a seca de 1915: o Campo do Alagadiço, no atual bairro São Gerardo. O objetivo era impedir a migração massiva de retirantes da seca, os “flagelados”, de chegarem à Capital. A história das secas e dos retirantes foi abordada por grandes nomes da literatura brasileira, como por Rachel de Queiroz em seu primeiro romance, “O Quinze”, e Graciliano Ramos em “Vidas Secas”. Único preservado, o campo do Patu foi tombado em Senador Pompeu em 2019. O espaço reúne doze casarões, três casas de pólvora, um cemitério e uma barragem.



14:35

0000



Tags

Documentário

Vida&Arte

Seca De 1915

Cultura

Flávio Alves

Filme

vida & arte

SECA/SECA/P. AUGUSTO/ARTE JOURNAL/OPPO

História SEM FIM

| HISTÓRIA | Realizador audiovisual de Senador Pompeu, Flávio Alves pesquisa, há décadas, a história dos campos de concentração no Ceará. Ele se prepara para lançar filme com entrevista inédita da Rachel de Queiroz

GUILHERME SIQUEIRA
crítica, Tere e Fátima
vidaearte@opovo.com.br

Flávio Alves quer contar uma história há quase 30 anos. Filho da cidade de Senador Pompeu, a 166 quilômetros da Capital, ele trabalha para que os detalhes sobre os campos de concentração, capítulo sombrio da história cearense, sejam fixados na memória coletiva do Estado.

O realizador audiovisual vem desenvolvendo ampla pesquisa sobre a trajetória de antepassados que, no início do século 20, fugiram da seca e foram confinados para que não chegassem a Fortaleza. Devido às dificuldades organizacionais para buscar a produção, Flávio se prepara agora para lançar o longa-metragem "Os Sete Campos".

Buscando maneiras de narrar esse momento histórico, o cineasta gravou, em 1994, uma emocionante dramatização da história do Campo de Patu, na região de Senador Pompeu. Apesar da pouca experiência à época, conseguiu compilar uma versão do filme "Seca Seca", sua primeira produção, mas não a última vez que criou conteúdo sobre as construções. Agora, está focado em falar dos sete campos que foram erguidos no Ceará no começo do século 20.

Durante o correr dos anos 1990 até aqui, a pesquisa para o documentário nunca se encerrou, mesmo no período em que Flávio precisou conseguir empregos temporários para pagar as contas. O pesquisador reuniu, ao longo dos anos, um acervo de 30 terabytes de arquivos, coletados em museus do Ceará e outros estados, emissoras locais, acervos familiares, animações e imagens aproveitadas de seu primeiro filme.

Entre os arquivos, está uma reportagem, ele anexou matérias de décadas passadas de jornais que noticiavam sobre seu primeiro filme. O *Vida & Arte*, em 30 de dezembro de 1999, escreveu sobre as dificuldades que Flávio enfrentou durante a produção de "Seca Seca". Com poucos recursos, acusou adivindas e precisou

migrar para São Paulo, onde trabalhou como cineasta para tentar angariar fundos para seu projeto.

Ao longo dos anos, reuniu material que contém entrevistas inéditas com sobreviventes dos campos, imagens ruins de Getúlio Vargas em Quixeramobim, além de trechos inéditos de uma entrevista de Rachel de Queiroz, feita pela TV Cultura de Goiás.

O cineasta explica que a intenção do projeto é criar uma fonte mais completa de informação a respeito do tema. Sobre o campo em Quixeramobim, por exemplo, havia poucas informações disponíveis. Na época em que Flávio produziu "Seca Seca", sequer se sabia o local exato da construção que resultou em flagelados de feras devassas. Atualmente, ele realiza entrevistas com arqueólogos, historiadores e pesquisadores, que permitem preencher as lacunas em sua pesquisa.

Nas pesquisas em que não foi possível conseguir imagens de época ou fazer uma reconstrução, ilustradores criaram imagens para acompanhar a narrativa. A equipe de "Os Sete Campos" é toda composta por cineastas, com ilustradores de Senador Pompeu e animador do Ceará. Já a trilha sonora foi feita por Massaneiro de Sousa e Pingo de Fortalezas.

Questionado sobre o que gerou tanto investimento pessoal para a pesquisa de décadas, Flávio explica: "Eu já vi tudo o que foi produzido sobre os campos de concentração, principalmente na área audiovisual. Mas pelo tamanho da história, se precisava de um bom documentário, pesquisado, com imagem inédita, contado pelos filhos do campo", defende.

"Nós tínhamos guardado esse material, mas tivemos que fazer todo um trabalho de telecineagem, digitalização, recuperação de fotos, então todo esse acervo nós tivemos que fazer um grande estudo para recuperar", detalha Flávio.

Embora a associação imediata de "campos de concentração" seja vinculada aos massacres cometidos pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, o Ceará teve uma construção erguida antes mesmo do primeiro campo nazista.

A distinção importante é que as construções nazistas eram também campos de extermínio, e no Ceará, embora houvesse mortes, essas foram decorrentes de doenças, fome e sede.

"Praticamente a mesma mão de obra foi usada aqui. As pessoas eram trancadas por treze, eram aprisionadas e eram enterradas em vãos. Então por isso não temos que revelar, através dos depoimentos inéditos, o que essas pessoas passaram", aponta Flávio.

A expectativa é que "Os Sete Campos" esteja finalizado até setembro. A produção espera que, com o lançamento, possa levar o filme para ser exibido em festivais de cinema mundo afora. Já existe negociação com serviços de streaming que buscam comprar os direitos do documentário para seus catálogos, e trazê-lo para outros idiomas.

Flávio, que dedicou 30 anos de sua vida a esse projeto, quando questionado sobre o que fará após ver a conclusão de todos os seus esforços no cinema, responde: "O próximo passo é montar uma série com dez episódios".

OP+
O POVO MAIS

MAIS OPPOVO.COM.BR

Confira no OP+ série de reportagens sobre os campos de concentração produzida pela jornalista Marcela Tosi

Para acompanhar

No Instagram, o documentário é divulgado em @ossetecampos. O perfil de Flávio Alves, diretor do filme, é @flavioalvescoco

OS CAMPOS

O primeiro campo de concentração foi criado pelo coronel Benjamin Liberato Barroso, interventor federal no Estado, durante a seca de 1915: o Campo do Alagadico, no atual bairro São Gerardo. O objetivo era impedir a migração

massiva de retirantes da seca, os "flagelados", de chegarem à Capital. A história das secas e dos retirantes foi abordada por grandes nomes da literatura brasileira, como por Rachel de Queiroz em seu primeiro romance,

"O Quinze", e Graciliano Ramos em "Vidas Secas". Único preservado, o campo do Patu foi tombado em Senador Pompeu em 2019. O espaço reúne doze casarões, três casas de pilória, um cemitério e uma barragem.

14:35

Programa Ponto de Vista

11 de maio de 2023 - Sertão TV

os 7 Campos

UM DOCUMENTÁRIO
de Flávio Alves



14:35

Podcast Sertão em Conexão - 30/06/2023 - Rádio Sertão Central AM

os
7Campos

UM DOCUMENTÁRIO
de Flávio Alves



Programa do Jonathan

11/07/24 - Rádio Sertão Central AM

os
7Campos

UM DOCUMENTÁRIO
de Flávio Alves



Programa Manhã no Sertão

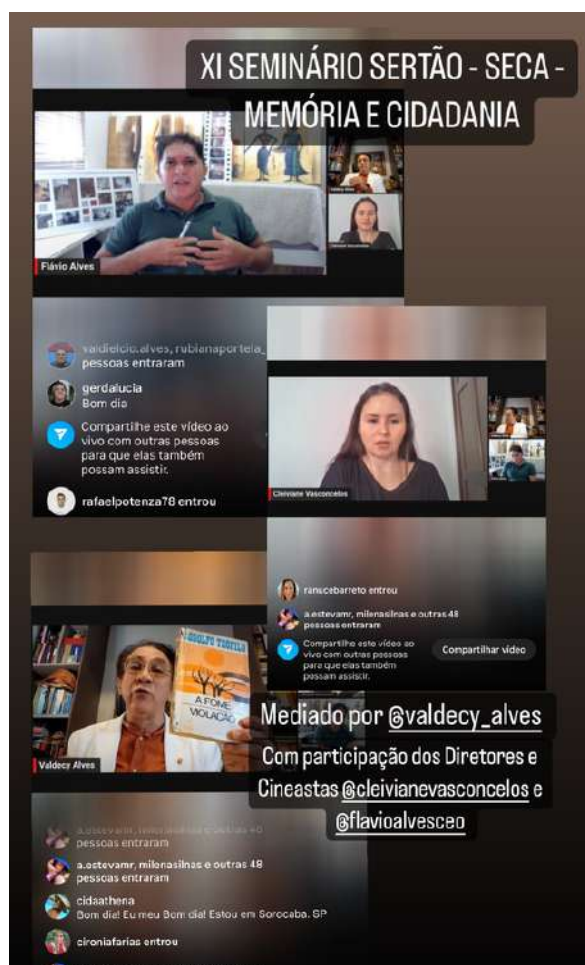
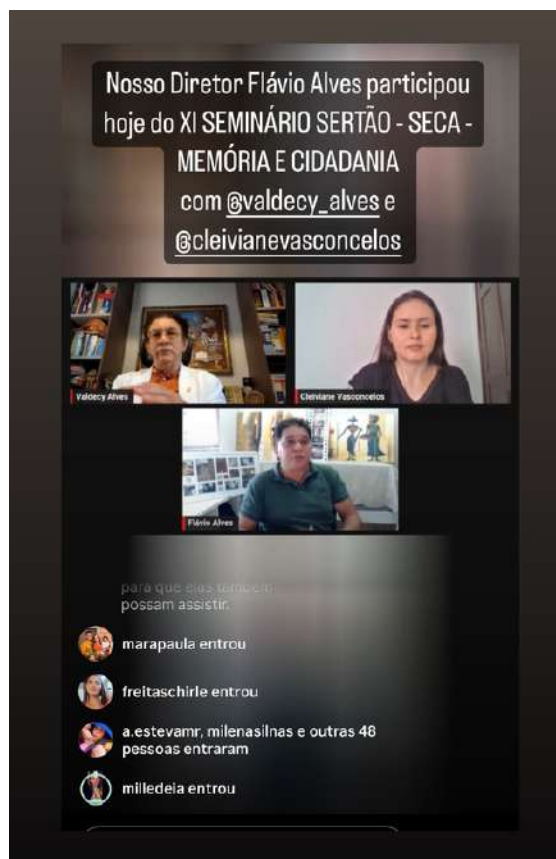
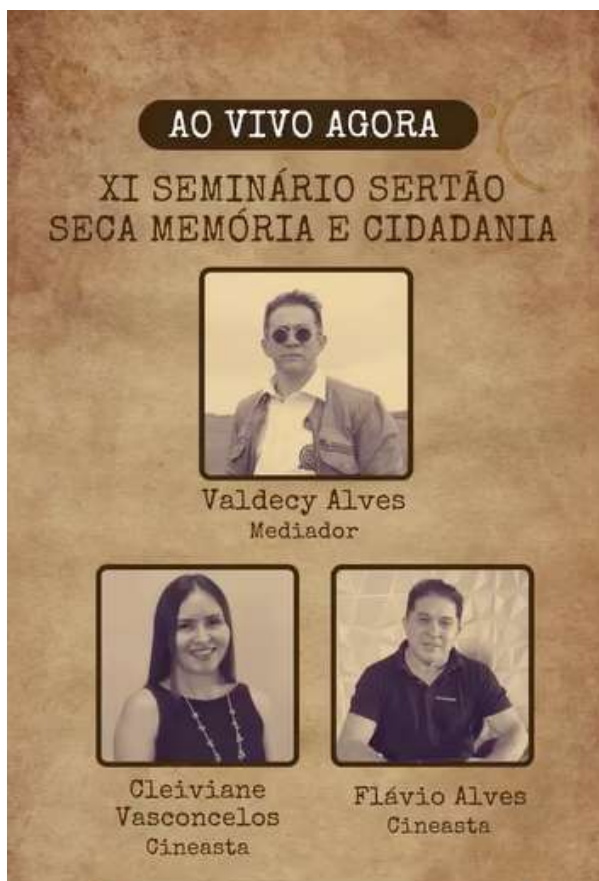
11/06/2024 - Rádio Sertão Central



XI Seminário Sertão Seca Memória e Cidadania

os 7Campos

UM DOCUMENTÁRIO
de Flávio Alves





ETC

Repercussões nos anos seguintes

[Início](#) » [Jornal](#)Publicado 01:00 | mar. 27, 2022 Tipo [Notícia](#)

Salvar notícia

Comentar

ouça este conteúdo

readme



0:00

1.0x

Com o trabalho de pesquisa histórica feito pelo Grupo 19-22 e uma Super VHS nas mãos, **Flávio Alves colocou em prática o projeto "Cerca Seca"**. A ideia inicial da Companhia de Arte e Cultura de Senador Pompeu era produzir um documentário sobre os horrores vividos às margens do Açude do Patu em 1932.

Acabou se tornando um longa metragem feito com uma câmera, um tripé, um rebatedor de luz improvisado, suportes de cortina reconstituindo os trilhos do trem, 230 figurante amadores pagos com uma cesta básica e uns "filtros para a lente da câmera — presente de um repórter da Globo que esteve em Senador Pompeu ano passado para conhecer a dita história do campo de concentração que foi ao ar no Fantástico". A história do filme foi contada pela repórter Janaina de Paula em 20 de dezembro de 1997 nas páginas do caderno Vida & Arte.

Dois anos mais tarde, a repórter Ariadne Araújo volta a Senador Pompeu. Desta vez, o fato é a visita de Carlos Moura, advogado da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, do Ministério da Justiça. Ele tinha a missão de levantar dados sobre a Seca de 32 e o Campo da Patu. Novamente O POVO conta a história dos campos de concentração cearenses e traz relatos de mais moradores da região. Dividem com os leitores o que viram e ouviram sobre "os ossos dos mortos estalando com o peso e a pancada das predas" nas valas comuns, "uma febre que matava bem ligeirinho" e "um feijão que passava o dia no fogo e não amolecia", como contou Mauro Antônio de Moraes, com 86 anos na virada do milênio.

Até a semana passada, a última vez em que as histórias do Patu chegaram às páginas do O POVO foi em 26 de abril de 2011. A Justiça Federal no Ceará havia condenado a Prefeitura de Senador Pompeu a adotar medidas de "proteção, promoção e preservação do patrimônio histórico-cultural" da barragem. Havia o prazo de 60 dias para que a Prefeitura iniciasse ações de vigilância e tombamento do acervo, sob pena de pagamento de multa. E, agora, retomamos a pauta nesta série que você acompanha

O que você achou desse conteúdo?

Cur ti

Não curti

**Veja a matéria**

profissão

O camelô que virou cineasta

Flávio Alves vende tênis e camisetas para pagar atores com cesta básica e terminar seu documentário

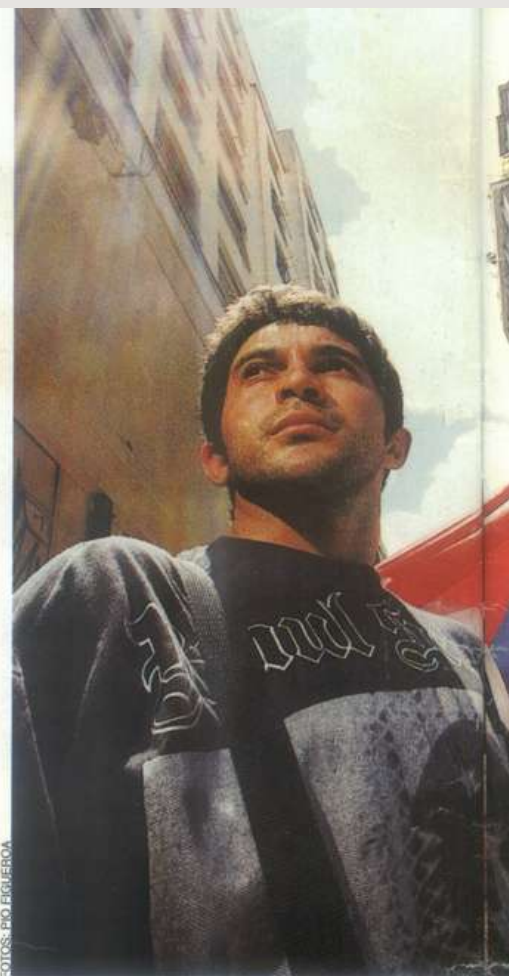
Fábio Bittencourt

Os corpos queimados pelo sol do sertão jaziam dentro de uma cova rasa, quando foram cercados por cães atraídos pelo cheiro de sangue fresco. Os animais assustaram todos em volta, que saíram em disparada. Não se trata de uma cena de alguma comédia hollywoodiana do ator Charlie Sheen. É sim de um filme do cearense Flávio Alves da Silva, 24 anos. *Serca Seca* é um documentário com 40 minutos de duração gravado originalmente em VHS. É a primeira empreitada do ex-office-boy, hoje vendedor ambulante, que conta o drama de famílias levadas a campos de concentração no Nordeste brasileiro, durante a seca de 1932. O erro de grafia no nome é uma homenagem: "As crianças escreviam a palavra errado na terra seca", diz Flávio.

Por não ter recursos próprios, vindos do governo federal ou da iniciativa privada, Flávio improvisou. O elenco é formado por carpinteiros, donas-de-casa, roceiros de Senador Pompeu, cidade a 280 quilômetros de

Fortaleza, no Ceará. Local, aliás, onde nasceu e foi criado. Em troca da atuação, ele fornece cestas básicas com arroz, feijão, farinha e açúcar. Está há dois anos tentando acabar o seu trabalho e levou seis meses só para mobilizar a população. "Quem morria no filme, ficava sem cesta básica", conta Flávio. "E ninguém queria morrer."

Flávio é roteirista, produtor e diretor. A pesquisa também é sua e teve como alicerce histórias que ouviu de seus familiares e amigos mais velhos. "Eu achava que era lenda", diz. "Mas descobri que era tudo verdade." Com caneta esferográfica e papel à mão, saiu a campo para entrevistar parte dos 25 mil habitantes da cidade. Pesquisou ainda em jornais locais. "Existiam campos de concentração, criados para amparar as famílias que sofriam com a seca", conta. Uma de suas fontes foi o jornal *O Povo*, de 11 de janeiro de 1932, que saiu com a manchete "Fome e miséria na mais alta escala", um relato de um dos campos de concentração da cidade, que chegou a abrigar 14 mil pessoas. "Quando acabava a água e a comida,



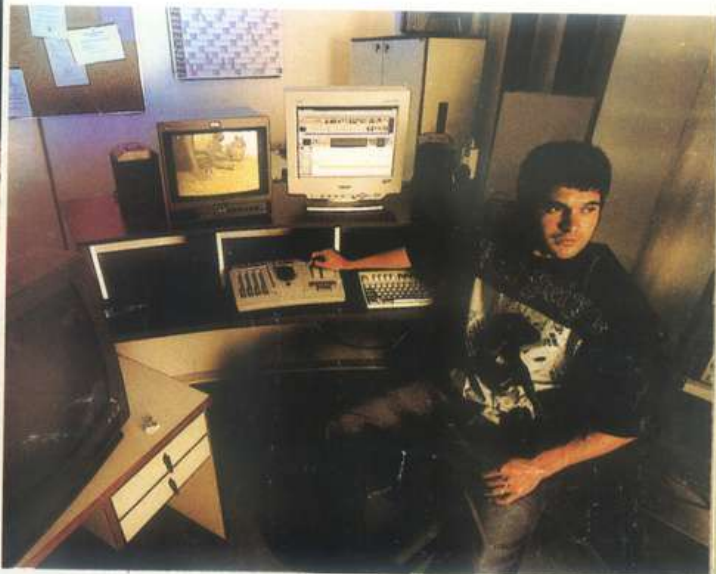
FOTOS: RIO FIGUEIROA

as pessoas morriam de fome", diz.

Mas Flávio virou devedor de primeira linha na cidade e na vizinhança. Isso porque, além das cestas básicas, os atores improvisados muitas vezes necessitavam de remédios, alimentos e água durante as filmagens. O resultado foi que ele acumulou saldo negativo de R\$ 1,7 mil só em Senador Pompeu. Foi então que resolveu arrumar um emprego temporário, ganhar dinheiro, pagar as dívidas e terminar seu filme. Seguiu para



Revista Isto é Gente



Na rua 24 de Maio, onde trabalha: "As pessoas dão risada da minha cara quando falo que fiz um filme". No estúdio do Senac (acima): "Só volto para casa com o filme na mão"

São Paulo e virou ambulante. "Há um ano e meio vendo coisas para arrecadar dinheiro", diz. "Já consegui saldar quase metade da dívida." Mas suas contas não param aí. Há outros R\$ 2 mil referentes à trilha sonora. "Todo mês ele me liga e pede mais tempo. Estou confiando", diz o compositor Manassés de Sousa, 45 anos, dono de um estúdio em Fortaleza, que criou a trilha sonora do filme.

Com apenas o primeiro grau completo, Flávio cursou uma escola de

edição há quatro anos, em São Paulo, quando morou com o irmão Valdeci Alves da Silva e pagou os estudos com trabalhos esporádicos. Hoje, ele mora a alguns minutos do local onde trabalha, na rua 24 de Maio, centro velho de São Paulo, com a mulher, Ranece Barreto, 20, e os filhos Lorena, 1, e o recém-nascido Méliés.

Com o projeto do filme em mãos, bateu de porta em porta para arrecadar patrocinadores. Conseguiu ajuda técnica do Serviço Nacional de

Aprendizagem Comercial (Senac), órgão ligado à Associação Comercial de São Paulo, para editar as cenas e finalizar o filme. Beto Matuck, professor do Senac de São Paulo, conheceu Flávio há dois meses e se impressionou com o material. "A produção é de ótima qualidade", atesta Matuck. A última fase agora é transformar a imagem VHS em película para cinema. Para isso, suas dívidas precisam aumentar. O processo de transformação em película, por exemplo, custa US\$ 17 mil. "No começo, eu ignorava essa história. Torço para que esse esforço seja recompensando", diz o ambulante e colega Carlos Alberto Ferreira de Oliveira. "Ele é esforçado demais", conclui. "Só volto para casa no dia em que estiver com o filme na mão e com todas as minhas dívidas pagas. É uma questão de honra", diz Flávio. 



A vida como ela é

Serca Seca terá 40 minutos de duração e contará a história de retirantes à procura de comida durante a seca de 1932. O documentário foi feito em VHS. A história é dramatizada e tem depoimentos de quem esteve no campo de concentração de Senador Pompeu, no sertão do Ceará





O garoto Haley Joel Osment e Bruce Willis estão no assustador O Sexto Sentido, hoje nos cinemas. **PÁGINA 2**

REVISTA

O CD duplo Chico Ao Vivo traz 29 canções apresentadas durante o show As Cidades. **PÁGINA 5**



SEXTA-FEIRA

Camelô de imagens



O ambulante Flávio Alves se prepara para finalizar seu primeiro filme, *Serca Seca*

Um Sango Seco de Nuvens

Um Filme de Flávio Alves



Se o camelô Flávio Alves começasse a afirmar que é cineasta para tentar convencer alguém a comprar as camisetas que vende em sua barracinha na rua 24 de Maio, Centro de São Paulo, dificilmente conseguiria convencer a freguesia. Mas, aos 24 anos, ele está prestes a finalizar seu primeiro filme, *Serca Seca*, Natural de Senador Pompeu, no sertão do Ceará. Flávio sempre teve vontade de contar ao Brasil uma história que poucos conhecem: a morte de quase mil pessoas, em 1932, num campo de concentração criado pelo governo federal, o Serca Seca, como era chamado pelos sertanejos.

O sonho de levar a produção às telas dos cinemas ainda está um pouco distante, mas, depois de dois anos, o cineasta começa a acreditar que, de alguma maneira, sua obra finalmente chegará ao público. As filmagens, que começaram em julho de 97, já estão prontas. Agora, falta o camelô conseguir recursos para passar as imagens que estão em beta para 35 mm, o formato utilizado nos cinemas. "Com os R\$ 600 que ganho por mês com a venda das camisetas não vai ser fácil conseguir alguma coisa. Mas eu não vou desistir", afirma.

Há uma semana, Flávio procurou ajuda no Centro de Comunicação e Artes do Senac, onde já havia estudado teatro há alguns anos. Conseguiu permissão para usar os equipamentos dos laboratórios e ganhou o apoio do produtor Beto Matuek. Juntos, eles vão encerrar um novo desafio. "A partir deste sábado, estaremos reeditando as fitas e colocando a trilha sonora. Mas a idéia inicial é formatar isto para uma linguagem de TV. Primeiro, vamos tentar veicular o material como documentário; depois, com mais dinheiro tentaremos as telas", explica o produtor.

O apoio deixou Flávio exultante. "Depois de ter sido obrigado até a vender minha câmara para pagar parte das dividas contraindas, começo a colher os frutos da minha empreitada", declara. Na próxima sexta-feira, ele será o destaque no Câmera Record, exibido às 21h45. Um dos blocos do programa, que vai tratar dos campos de concentração existentes no sertão nordestino no início do século, será destinado ao filme do camelô.

Choradeira e aplausos



LUCIELLY agradece ao público, que lotou o Teatro da USP

LUCA FERNANDES

A emoção marcou a pré-estreia da peça juvenil *Grogue*, quarta-feira, no Teatro da USP. Entre os convidados, um em especial estava presente: o irmão mais novo de Lucielly, Luciano, parceiro de Zé Di Camargo, foi prestigiar a irmã mais nova, Lucielly, de 22 anos, que pisava no palco pela primeira vez. "Ele disse que eu tenho de abraçar o meu destino e ser feliz, porque tenho de sobra. Elogio de irmão é suspeito, mas dá uma força danada para continuar na batalha", comenta a atriz estrepante, que interpreta a moderninha, mas ingênua, Líria. Após a sessão, o elenco, Luciano e amigos festejaram a estreia na boate Symbol.



LUCIANO solta a emoção ao final da peça

O espetáculo entra em cartaz amanhã e promete conquistar o público jovem com um texto ágil que conta as agruras de um rapaz de 20 anos em conflito com a sociedade. "Não tem lição de moral. Passamos por vários assuntos de uma maneira leve e bem-humorada, por isso o adolescente se identifica com o que está acontecendo", comenta a diretora Débora Dubois, de 23 anos.

A trama começa quando Greg, interpretado por Júlio Rocha,

namorado de Lucielly, percebe que sua vida não está do jeito que gostaria. Cursando o primeiro ano de Educação Física e dando aulas na academia de sua namorada Bia (Jeniffer Franco), ele, na verdade, queria ser músico. A família, porém, é contra. Sua vida se transforma quando é flagrado por Bia com outra garota. A namorada arremessa um capacete de ciclista que o acerta na cabeça. A partir daí o rapaz passa a viver ao lado de um personagem imaginário, o Grogue (feito por Marcos Damigou). "É o que chamamos de voz da consciência", completa o autor Toni Brandão.

Os aplausos no final e o carinho do irmão apagaram as noites de insônia de Lucielly. "Estava muito tensa porque eu sempre tive de provar que não sou apenas a irmã da dupla sertaneja. Sentir que eu fui bem aceita e que o público gostou de meu trabalho me deixa mais tranquila", explica a atriz, que também arregaçou as mangas para trabalhar na produção dos figurinos da peça.

SERVIÇO

Grogue - Estreia amanhã no Teatro da USP (rua Maria Antônia, 294; tel: 255-5638). Ingresso a R\$ 5.

Arrastão cultural

As 280 pessoas que participaram, como figurantes, das filmagens de *Serca Seca* não tinham qualquer experiência como atores. A maioria, aliás, nem sequer havia assistido a algum filme. "Era uma gente muito simples. Por isso, precisei adaptar alguns termos técnicos para todo mundo poder entender", explica o cineasta Flávio Alves.

O que alguns profissionais chamam de close, por exemplo, ficou conhecido pelos sertanejos como plano "lua cheia". A panorâmica, técnica que define a

movimentação da câmera sobre um trilho, era o plano "lagartixa". O chamado plano médio, que capta imagens das pessoas da cintura para cima, ficou sendo o plano "meia lua".

As artimanhas de Flávio não pararam por aí. Sem dinheiro para comprar as cestas básicas com as quais pagava os figurantes, ele precisou fazer rifas, vender alguns bens e até bater de porta em porta para conseguir auxílio. "Fizemos um arrastão cultural para que tudo desse certo", define o camelô.

CINEMA

Filme narra tragédia do campo de concentração no Ceará em 32

Episódio que deixou mais de mil mortos é tema de 'Seca Seca', de Flávio Alves

JULIO GAMA

Luiza Pereira Lobo, 73 anos, cearense do sertão central, rosto riscado pelo tempo qual solo esturricado, costas curvadas pelo cansaço, memória falha, mal consegue lembrar onde guardou a caixa de costura 20 minutos atrás, mas não esquece o dia, o mês, a hora, a roupa que usava e a fome que sentia quando entrou no inferno, às 7 horas do dia 10 de maio de 1932.

Há 67 anos, então com 6, a pequena Luiza, o pai, a mãe, a avó e mais oito irmãos, chegaram à Comissão, nome técnico de um verdadeiro campo de concentração montado pelo governo cearense para isolar os milhares de miseráveis, vítimas de uma das maiores secas do século no Estado.

Luiza perdeu o pai, a mãe e os oito irmãos. Morreram de fome, de sede, de exaustão, de disenteria, de cólera. Das 16 mil pessoas que entraram no campo, pelo menos mil morreram. O relato emocionante de Luiza, assim como o de outros 22 sobreviventes, são o ponto de partida do documentário-ficção *Seca Seca* (assim mesmo, com s), de 70 minutos, que está sendo finalizado pelo cearense Flávio Alves, de 24 anos.

Não há no filme de Alves nenhuma proposta de inovação estética. "Minha pretensão é contar essa história e ajudar as pessoas daquele lugar", explica o diretor. O lugar é Senador Pompeu, distante 270 quilômetros de Fortaleza, no chamado sertão central do Ceará. A formação de Alves resume-se aos cursos de edição, fotografia e iluminação oferecidos gratuitamente pelo Senac, em São Paulo. Além de dirigir o filme, ele é também produtor, roteirista, iluminador e maquiador. A palavra *seca* é grafada com s no título porque, segundo Alves, era assim que as crianças da freguesia escreviam durante as filmagens.

Pagamento em comida — *Seca Seca* começou a ser rodado em julho de 1997 e foi interrompido inúmeras vezes sempre pelo mesmo motivo: falta de dinheiro. Para arremeter cerca de 360 figurantes, o diretor imaginou que poderia pagar com comida. Lançou uma campanha de arrecadação de alimentos numa das principais ruas da região. Em menos de um mês, reuniu 4,8 toneladas de alimentos não perecíveis. Até onde se tem notícia, pela primeira vez no cinema os figurantes foram pagos com arroz, feijão, milho e pão. "O problema depois foi que ninguém queria morrer no filme para não parar de receber a comida", conta o diretor.

O filme agora está "por pouco", conta Alves. "Falta apenas editar alguns trechos e sonorizar". A trilha é um de seus orgulhos. Foi feita por Manassés de Souza. Custou R\$ 8 mil, custeado pela Secretaria de Estado da Cultura do Ceará. O filme já consumiu R\$ 14 mil. Ele tem 30 horas gravadas em super-VHS.

Camelô — Sem dinheiro para concluir o filme (faltam R\$ 4 mil), Alves voltou há poucos meses para São Paulo, onde viveu por oito anos — entre 89 e 93 em Sorocaba e de 93 a 96 na capital. Mora com a mulher e a filha de 1 ano numa quitinete no centro da cidade. Sem emprego fixo, virou camelô e perambulou pelo centro da cidade vendendo dezenas de camisetas com a estampa de seu filme. Tira R\$ 600 por mês, repartidos entre o sustento da família e a poupança para finalizar o filme. Ele quer lançar *Seca Seca* até o fim de agosto numa sessão para os moradores de Senador Pompeu.

O município, próximo à Barragem do Patu, foi escolhido para receber uma das sete comissões montadas pelo governo e acabou sendo palco de uma experiência nefasta. O que os sobreviventes de Senador Pompeu chamam de "inferno" somente ganharia a deno-



Crianças e adultos mortos de fome e sede: imagens chocantes provocadas pelo campo de concentração em Senador Pompeu



Figurantes dão duro sob o calor de 42 graus: salários foram pagos com cestas básicas



Flávio Alves: camelô no centro

minação "campo de concentração" sete anos mais tarde, com o nazismo na Alemanha.

Essa história sombria começa alguns anos antes, em 1919. Decidido a dar um basta nas secas que desde sempre castigavam o Ceará, o governo da época resolveu construir uma barragem a partir das águas dos Rios Patu e Banabui. As obras tiveram início no mesmo ano e foram focalizadas pela empresa inglesa Wight F. Robson, que tivera carta branca para instalar seus engenhos na região. "Eram engenhos ingleses e pedres nordestinos", relata o cineasta.

A empresa inglesa construiu confortáveis casarões para os seus funcionários. As construções em estilo gótico com alpendres destoavam da paisagem miserável e árida da catinga. Distante um quilômetro

das mansões foi construída a vila operária: cerca de 200 casas feitas de taipa, com pilares de bambu revestidos de barro seco. Quatro anos mais tarde, por falta de dinheiro, foi decretada a paralisação definitiva das obras. Os operários e suas famílias de estabeleceram definitivamente no local e passaram a sobreviver do plantio de milho e feijão.

O arquiteto e urbanista Irani Fogaça escreveu sua tese de graduação no ano passado sobre a reforma dos casarões construídos pelos ingleses em Senador Pompeu. Ele passou dez dias na região. "Construíram uma pequena cidade com

12 casarões, mais a vila operária e hospital, escola e armazém", conta. "E hoje está tudo abandonado."

A estiagem de 32, no entanto, seria mais violenta do que a que estavam acostumados a se safar. Como a chuva não vinha, o gado morria e a comida chegava ao fim, milhares de pessoas começaram a morrer. "Sem opção, gente de todos os lugares partiu para esses redutos", Senador Pompeu era o destino dos famintos das cidades vizinhas.

Cabeças raspadas — A chegada dos flagelados brasileiros nas comissões assemelhava-se ao modo como os judeus eram recebidos nos campos nazistas. Em Senador Pompeu, as

preocupação com o aumento dos saques e com a massa de flagelados ameaçando migrar para a capital, no mês de abril o governo decidiu criar sete campos de apoio aos quais chamou de comissões. Havia comissões em Quixeramobim, Ipa, Crato, Quixadá, Juazeiro do Norte, Fortaleza e Senador Pompeu. "O governo dizia que quem quisesse escapar da fome e da sede era só se dirigir para uma das comissões", conta Alves. "Sem opção, gente de todos os lugares partiu para esses redutos". Senador Pompeu era o destino dos famintos das cidades vizinhas.

Cabeças raspadas — A chegada dos flagelados brasileiros nas comissões assemelhava-se ao modo como os judeus eram recebidos nos campos nazistas. Em Senador Pompeu, as



Baixo orçamento: R\$ 18 mil

pessoas tinham a cabeça raspada por causa dos piolhos, recebiam uma combinação de calça e camisa brancas feitas de sacos de açúcar e os chefes de família ganhavam uma senha que lhes daria direito a uma cesta básica. Ironia, em maio de 32, o governo Vargas baixava decreto 21.354 que estabelecia a jornada de oito horas na indústria e, semanas mais tarde, novo decreto estabelecia o princípio de salário igual para trabalho igual. Para os moradores de Senador Pompeu não havia trabalho tampouco salário. A miséria igualava-os.

Em pouco tempo, cerca de 16 mil famílias instalaram-se no campo de Senador Pompeu. "Quem entrasse não podia sair", lembra o sobrevivente Guilherme Sabino, de 74 anos. Soldados montavam guarda nas trilhas de acesso ao campo. "Eles tomavam todas as bocas de caminho", narra. "Quem cismasse de fugir era levado para o sebo." O sebo era a prisão, um cubículo de dois metros quadrados construído em taipa.

Tripas de boi — A "cesta básica" distribuída no campo consistia num punhado de feijão preto, farinha, tripa e sangue de boi coado. "Quem comia morria de disenteria e quem não comia morria de fome", resume outra sobrevivente, dona Emília, de 78 anos. As vezes era dado café, açúcar e arroz, mas só a papa, chamada de xerê.

As filas para receber a comida começavam a ser formadas por volta do meio-dia e ainda à noite havia quem esperasse pelo alimento. "Como o feijão era velho, estragado, as pessoas sacaram os grãos com o pilão e cozinham aquela massa", conta o diretor. "Lembro que o sangue de boi coado era torrado com café e feijão", conta a sobrevivente Luiza Lobo. "Quase todo mundo que a gente conheceu lá dentro morreu", relata outra sobrevivente, Maria de Jesus. "Comíamos farinha velha com sangue de boi."

Segundo contam os sobreviventes, covões rezeavam-se em turnos para trabalhar 24 horas por dia tanto eram os mortos. "Os corpos eram jogados em valas cobertas por pedras para evitar a presença de cachorros e de urubus", descreve o diretor.

Governo ignora — No Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Denoc), em Fortaleza, não há registros do episódio. "Não há dados oficiais porque é muito antigo", informa a direção do Denoc por meio de seu assessor de imprensa, José Clayton. O órgão responsável pelas secas na época era a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (Ifoc).

Em fevereiro de 33, 11 meses depois de aberto o campo de concentração de Senador Pompeu, uma forte chuva de novembro sobre a região e as pessoas começaram a voltar para as suas terras.

Desde então, uma vez por ano, uma procissão sai às 4 horas da manhã do centro de Senador Pompeu e caminha cerca de três horas até o antigo campo de concentração, hoje conhecido como Cemitério da Barragem do Patu. No trajeto, cerca de 4 mil pessoas acompanham a reconstituição de algumas das situações vividas por seus pais e avós. Relembram a tragédia para não perdê-la na memória. Como se precisasse.

GOVERNO TEMIA MIGRAÇÃO PARA CAPITAL

SOBREVIVENTES



LUÍZA PEREIRA LOBO, de 73 anos — "Fui para o campo às 7 horas no dia 10 de maio de 1932. Eu, meu pai, minha mãe, meus irmãos e minha avó. Andamos 80 quilômetros para chegar ao campo. Me lembro que meu pai jogou uma moeda e nós passamos a morar ali, debaixo de um pano. Minha mãe acendeu um fogo e colocou água quente para a gente beber. Uma mulher apareceu com uma cuia de farinha e fizemos um caldo com pimenta. Bebemos aquilo. Minha mãe estava grávida e teve minha irmã dentro do parto. Ainda hoje estou sofrendo. Morrem todos de doença e de fome."



DONA EMÍLIA, de 85 anos — "Meu pai morreu em 1931. Em 32 começou a seca grande. Não tinha nada para comer. Minha mãe saía para o mato para caçar. Passava o dia inteiro fora, mas não voltava com nada. Fomos para a barragem e o sofrimento dobrou. Não tinha lençol nem roupa para gente se embrulhar. Abria a boca e não tinha o que comer naquele mato de meu Deus. Eu fazia chá com folha de tamanduá. Me lembro centêmetro. Muita gente morria e era enterrada na mesma covinha. Deviam matar para a gente comer, mas eu não gostava e chorava de fome. A gente sofreu muito."

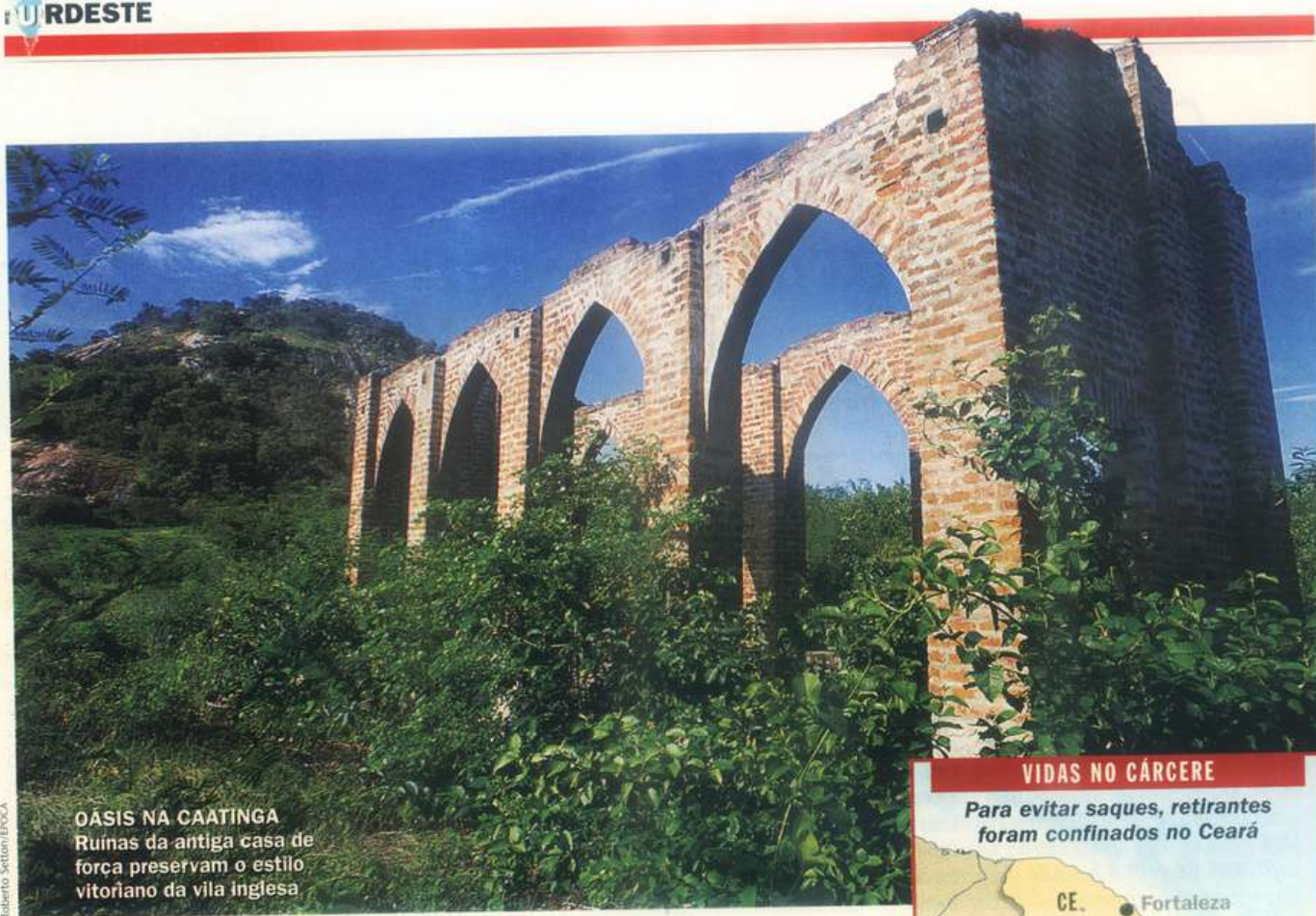


GUILHERME SABINO, de 74 anos — "Eu tinha 8 anos e lembro que dormíamos numa barraca com 10, 12 pessoas. A carne boia lá para eles e o bofe, as tripas era para eles e a gente comia o que sobrava. A gente comia farinha estragada, com sangue de boi. A mistura dava um mingau ruim. Minha mãe era chamada para colocar a vela na mão de quem estava morrendo. Era para a alma da pessoa não ficar vagando e subir para os céus. Aquilo curava o coração da gente. Nunca entendi porque a gente dormia nas barracas não davam encosto para a gente no chão. Quando faltava comida, as pessoas comiam farelo de vaca. Era o que tinha."



MARIA DE JESUS, de 78 anos — "Fui levada para o campo pelos meus pais e seis irmãos. Quase todo mundo quea gente conheceu lá dentro, morreu. A gente comia farinha estragada, com sangue de boi. A mistura dava um mingau ruim. Minha mãe era chamada para colocar a vela na mão de quem estava morrendo. Era para a alma da pessoa não ficar vagando e subir para os céus. Aquilo curava o coração da gente. Nunca entendi porque a gente dormia nas barracas não davam encosto para a gente no chão. Quando faltava comida, as pessoas comiam farelo de vaca. Era o que tinha."

URDESTE



OÁSIS NA CAATINGA
Ruínas da antiga casa de
força preservam o estilo
vitoriano da vila inglesa

Roberto Setton/Época

VIOLÊNCIA

Pesadelos da seca

Cidade cearense relembra a história do campo de concentração para os flagelados da estiagem de 1932

No alto de uma colina esturricada pela seca no município de Senador Pompeu, sertão do Ceará, as ruínas de uma antiga vila operária escondem um pedaço da História do Brasil que poucos cearenses gostam de contar. Erguidos em 1919 para abrigar operários e engenheiros ingleses que construiriam ali um açude de grande porte, os casarões tornaram-se palco de doença e morte. Durante a impiedosa seca que assolou a região em 1932, a Vila dos Ingleses sediou um campo de concentração para o confinamento de flagelados. O gueto era vigiado por soldados, como em uma guerra. O objetivo era isolar os retirantes e evitar a invasão das grandes cidades pela miséria e por epidemias.

Moradores de Senador Pompeu, hoje com 27 mil habitantes, resolveram ajudar a desenterrar o episódio na tentativa de atrair a atenção e verbas do governo federal para a região, outra vez castigada pela seca. A estiagem já dura dois anos. Há algumas semanas, visitou o local um enviado da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, o advogado Carlos Moura, encarregado de recolher vestígios desse triste passado. Missão relativamente simples: a lembrança do cárcere permanece viva na memória dos 15 sobreviventes que lá ainda residem. "Comíamos a cera que escorria das velas na esperança de não morrer de fome, pois a maior parte da comida doada pelo governo estava es-



tragada e o pouco que chegava em condições de consumo era roubado pelos guardas", recorda um deles, Guilherme Sabino da Silva, de 74 anos. Sua mulher, Maria de Jesus, que o conheceu criança na Vila dos Ingleses, afirma que os dois só não morreram de fome "porque Deus não quis". O casal teve 14 filhos, nove já morreram e os cinco restantes estão desempregados.

A morte era rotina nos chamados "currais da fome", criados pelo governo de Getúlio Vargas sob o disfarce de obra social para distribuir alimento. Ao todo, em 1932, construíram-se sete quartéis no Ceará e no Piauí, para onde foram levados 70 mil flagelados. A Vila dos Ingleses, em Senador Pompeu, era o maior

Revista Época



RESISTÊNCIA

O brasão nacional ainda sobrevive na fachada de um dos edifícios

SOBREVIVENTES

O casal Guilherme e Maria de Jesus padecia com o angu deteriorado servido no "curral"

deles – das 17 mil pessoas que passaram por lá, pelo menos mil morreram de fome e doenças. Sob o sol escaldante e sem nenhuma água, milhares de famintos com cabeça raspada, para evitar piolhos, eram obrigados a descarregar o alimento enviado de trem pelo governo. A maior parte chegava estragada, como testemunharam Guilherme Sabino e Maria de Jesus, e os melhores cortes de carne iam para a cozinha dos militares. Para os retirantes, sobravam somente o sangue, o coração e os bofes dos bois. A sopa era preparada com mato e goma (amido de mandioca). As crianças comiam rapadura e morriam de diarreia.

"O feijão era tão duro e ruim que ganhou o apelido de Zé Félix, nome do mais truculento guarda do campo de concentração", recorda Maria de Jesus.

À noite, luzes de holofotes vigiavam as vias de acesso e o comportamento dos "prisioneiros", amontoados em barcos feitos com gravetos secos e estopas cortadas dos sacos de comida. "Alguns guardas deixavam namorar num quatinho escuro, o mesmo usado para açoitar os desobedientes", lembra Maria Perpétua Vieira, de 75 anos. Seu avô era coveiro e guarda do cemitério. Os doentes não podiam sair do gueto. Rezas, choros e lamúrias cortavam a madrugada, denunciando o desespero dos famintos. Muitos morriam – cerca de 20 por dia –, e os cadáveres eram enterrados às pressas em valas para evitar o ataque de cachorros e urubus.

O horror daqueles dias só não se perdeu na História graças à Companhia Art-Cultura Metade de Nós, um grupo de estudantes e profissionais liberais de

ALCOVA

Açoites e namoro conviviam no mesmo quatinho escuro, recorda Maria Perpétua

Senador Pompeu. Há dois anos, eles trabalham na localização de sobreviventes e na recuperação de documentos históricos. O acervo será guardado num museu a ser instalado nas ruínas de quatro casarões ainda de pé na localidade – um deles a antiga casa de pólvora onde os ingleses da Dwight P. Robson & Co. guardavam os explosivos usados na construção da Barragem do Patu.

A barragem, com a qual seria criado um megaaçude para distribuição de água, teve as obras interrompidas em 1923 por falta de verbas. Retomadas em 1986, formaram apenas um pequeno lago, que hoje praticamente só serve para embelezar a paisagem. "A água do açude não abastece todas as casas nem é usada para irrigar as lavouras, destruídas pela atual estiagem", lamenta Flávio Alves, diretor do documentário *Cerca Seca*, recém-filmado na região com a participação de 283 atores e figurantes locais. As pragas e as secas destruíram tudo em Senador Pompeu, grande produtor de algodão no século passado. Em 1932, a questão social tornou-se crítica porque choveu 58% a menos que o normal. Mas a seca atual é pior que a do período do campo de concentração. O agricultor João Batista Marcelino, de 50 anos, cultivava a roça ao lado do açude. Sem ter como captar água, perdeu toda a plantação de milho e feijão. "O problema não é a sede, mas chuva para podermos plantar e comer", afirma, rezando por uma solução que caia do céu. ■

SÉRGIO ADEODATO, DE SENADOR POMPEU



Caderno 3

Fortaleza, Ceará - Segunda-feira, 16 de fevereiro de 1998

Filmando na terra de "Deus e do Diabo"

Pela primeira vez na história do cinema, os atores são pagos com arroz, feijão, milho e pão

Seide dos Santos mora próximo aos casarões da Barragem do Patu, pele morena, cabelo preto e olhos 'genuinamente' verdes, coisa rara na região. Seu fênótipo parece anunciar o intercruzamento de raças, talvez mais um sinal da presença dos ingleses por essas terras. Heranças que passam de geração a geração. Ela é conhecida na vizinhança como a mulher dos cachorros, mais de 15 vira-latas. Por onde ela pisa, os cães lhe fazem guarda. Os olhos verdes da cabocla Cleide, herança do tempo passado, e seus dentes, estão agora presos ao presente para falar do passado. Ela e os animais trabalharam como figurantes na gravação do filme "Cerca Seca", que pretende relatar através de imagens os clamores, dores e sofrimentos que fez a história de todo o "negro" de 1932.

"Cerca Seca" é uma produção da Companhia de Arte e Cultura Metade de Nós, que reúne um grupo de jovens de Senador Pompeu inquietos e desajustados para fazer história. A frente desse trabalho está o jovem Flávio Alves, 23, que de início se tornou um obstáculo que parecia insuperável: onde encontrar recursos para contar a história do campo de concentração. Pensou em bater na porta dos órgãos estaduais, mas, pela morosidade da burocracia, recorreu a sensibilidade do poder municipal, mas não foi levado a sério.

Flávio desistiu. Com o apoio da Equipe 19-22, Flávio fez uma campanha para a arrecadação de alimentos não perecíveis. Visitou as escolas, o comércio e chegou a bater na porta de Senador Pompeu que pudesse contribuir com a sua causa. A campanha foi um sucesso: em menos de um mês conseguiu reunir 8,5 toneladas de alimentos. A moeda para rodar o filme estava garantida. Pela primeira vez na história do cinema os atores seriam pagos com arroz, feijão, milho e pão. Sem reclamar e espantados que o filme demorasse o tempo suficiente para o inverno chegar, 280 figurantes foram selecionados para participar das filmagens do "Cerca Seca". Além da participação de 22 cachorros.

Segundo Flávio Alves, o mais impressionante é que apareceu gente de toda a região em busca de comida e trabalho. O boato da distribuição de alimentos criou um movimento muito tumultuado. "Parece que o mundo inteiro voltou", disse. Antes de contar qualquer fato peculiar dessa história de mil mortos em 1932, o modo como o filme "Cerca Seca" foi articulado já revela o estado terrível que vivem a maioria da população no interior do Estado. O realismo se manifesta tanto na proposta do diretor como na execução do filme. A fome ainda é parte do cardápio diário das famílias, em que nacos de farinhas com feijão não



Flávio Alves, que também trabalhou como maquiador, fotógrafo e produtor, grava últimas cenas de "Cerca Seca"

movem montanhas, mas monta-se um exército de homens lutando pela sobrevivência.

Um outro problema enfrentado pelo diretor é que ninguém queria morrer, cinematograficamente falando. As pessoas que "morriam" iam perdendo consequentemente a cesta básica, por que eram obrigadas a deixarem o filme. "Era uma escolha difícil, a gente buscou uma combinação entre as pessoas mais pobres e as que conseguiram representar melhor".

Mas isso foi só o primeiro desafio. Os integrantes da companhia de Arte e Cultura Metade de Nós não sabiam nada sobre técnica de roteiro, fotografia, maquiagem, cenário, figurino ou coisa semelhante. A experiência do diretor Flávio Alves se resumia a alguns cursos de edição e filmagens no Senac, em São Paulo. Como se isso não bastasse, para captar as imagens a equipe só contava com os recursos mínimos de uma Super-VHS e um grupo de atores que podiam conhecer de perto as mazelas da fome, mas sequer conheciam uma câmera. E um saldo bancário de 3 mil reais para começar as gravações. Mas, nada a temer. Com a mesma determinação que arrecadou seus recursos continuou aplicando para a gravação do filme.

Foram gastos seis meses de trabalho, os dois primeiros foram com a parte da pesquisa com o apoio da Equipe 19-22 - que fez uma compilação dos relatos das pessoas que viveram a tragédia, e um mês com a campanha de arrecadação dos alimentos. Os três meses restantes foram usados de modo quase ininterrupto, para a gravação das imagens. O grupo trabalhava das 8 às 20 horas.

Toda a equipe se arrumou como pôde no casarões construídos pelos ingleses em 1922 às margens do Barragem do Patu. O mesmo ambiente onde havia acontecido a tragédia, agora servia de cenário para a encenação da história. Ficção e realidade habitaram o mesmo solo sagrado. (Marcas de Deus e do diabo na terra do sol?) Os novos flagelados encenavam a fome dos seus descendentes, sem ter superado-a.

Hoje, o diretor conta com mais de 30 horas de fitas gravadas. Material suficiente para provar que com uma câmera na mão, uma história no papel e muita força de vontade dá para se fazer um filme. A lição do genial Glauber Rocha, que persistia insistindo, agora é retomada pelas mãos incipientes e experimentais de um grupo de garotos, que não estão nem um pouco preocupados com a estética cinematográfica. Eles querem mesmo é contar a história dos mil mortos no campo de concentração, apenas com uma câmera no mão e uma idéia na cabeça.

Emmanuel Nogueira
Da Editora do Caderno 3

Cerca Seca

Família troca roça pelo cinema

A história do filme "Cerca Seca" tem início com um homem fazendo uma daquelas experiências regionais para saber se vai ter inverno. Seu experimento revela o que o céu sem nuvens lhe dizia claramente: é mais um ano de seca. Ele, a mulher e três filhos partem para lugar nenhum. Só não querem ficar em casa esperando a morte chegar. No meio do caminho, a inanção rouba a alma da sua mulher e das duas filhas. Sem suportar a dor, o homem se suicida, deixando completamente órfão o filho, 11 anos, conhecido por Francisco. Sozinho, o garoto segue o passo dos retirantes rumo ao Campo de Concentração.

Começa aqui a visão particular e subjetiva do campo de concentração na perspectiva e trajetória do garoto Francisco. Mas começa também uma outra história. A história de uma família que trocou a lida de sol a sol, o cabo da enxada, pelo trabalho da arte de representar. Deixaram de ser agricultores para cultivar no campo das ilusões iluminadas, o cinema. Entre maquiagem e pose para a câmera eles se fantasiaram de atores



Família Lima: fascinada pelo cinema

para viver uns nacos de felicidade.

Com muito gosto e empenho, a família Lima aceitou o desafio de protagonizar a história. Para Francisco Josenildo, o protagonista da história tudo foi motivo de alegria e brincadeira. "Foi muito bom. A gente nem ia em casa, fazia a comida e dormia aqui mesmo". Pedro Neto, pai de Francisco, também não reclama de nada. Ele garante que faria tudo novamente se preciso fosse, desde que tivesse uma feirinha para ajudar no sustento da família. "Homem, isso aqui é muito fácil a gente não faz esforço de nada". Já sua esposa, Maria do Carmo, que dormiu em algumas gravações enquanto se fingia de morta, revela

que só não gostou muito do choro de sua filha mais nova, mas não temeu a morte: "Sabia que tudo era de brincadeira, não era de verdade".

A família Lima só lamenta que tudo demorou tão pouco, porque agora a fome volta a bater a porta sem que ninguém se atreva a lhe dar morada.



ESTRÉIA

Estreia hoje no pórtico do TJA a peça *Parafuso*, texto de Pablo Assumpção e direção de Pedro Domingues. O espetáculo é o terceiro do projeto *Sete Cores do Dragão* 4B

ALBERTO DINES

Arte é o que toca o destinatário e o transforma em artista. O colunista discute o papel da obra de arte a partir deste conceito pragmático 8B

(J)S(IV) / Fortaleza-CE, sábado

1B

vida & arte

20 de dezembro de 1997

Cenas da tragédia

Na grande seca de 1932, a fome e epidemias massacraram o povo do interior do Ceará. Nos arredores de Senador Pompeu foi criado um dos maiores 'campos de concentração' de retirantes do sertão, que agora virou tema do filme *Cerca Seca*, gravado com a participação da população da região em regime de mutirão ■

JANAINA DE PAULA
Da Editora do Vida & Arte

A existência de campos de concentração em pleno sertão cearense, durante a seca de 1932, daria um argumento cinematográfico de encher a tela de qualquer cineasta famoso. Mas um grupo de moradores da cidade de Senador Pompeu - cenário do maior campo existente no Estado, que abrigou mais de 15 mil retirantes - não esperou que os grandes estúdios descobrissem a riqueza da trágica história. Arregaçou as mangas e, com uma Super-VHS debaixo do braço, reconstruiu - bem a seu modo - um período da história do Ceará envolvendo uma das maiores estiagens já vistas por aqui para as filmagens de *Cerca Seca*.

Há pouco mais de um ano, a diretoria da Companhia de Arte e Cultura resolveu por em prática a vontade de filmar a miséria dos retirantes. Sem grandes ambições e um mirrado orçamento, a ideia inicial era fazer um documentário contando as barbaridades vividas no campo de concentração, através de depoimentos de sobreviventes e parentes das vítimas. Flávio Alves, mentor do projeto *Cerca Seca*, - e ainda roteirista, diretor, cinegrafista, maquiador e, se duvidar, conselheiro sentimental - se empolgou e resolveu partir para um projeto muito mais ousado: fazer um vídeo de quase uma hora com uma super-VHS e, quem sabe mais tarde, filmar em película seu primeiro longa-metragem.

Sem qualquer apoio do governo ou patrocínio da iniciativa privada, o primeiro passo seria botar a criatividade em prática, já que dinheiro não existia. Para pagar os 230 figurantes que participaram do vídeo, os idealizadores resolveram criar uma campanha de arrecadação de alimentos junto a escolas e moradores da cidade. Cada figurante receberia uma cesta básica, por semana de filmagem. Não faltaram senhoras, velhos e meninos querendo se cadastrar - nem tanto pelo filme, mas pelo leito garantido.

A ideia que inicialmente parecia maluco foi tomando corpo e ganhando até o apoio de boa parte da população. A assessoria histórica veio de outro centro cultural de Senador Pompeu, o 19-22, que já havia feito uma ampla pesquisa sobre o tema, tendo inclusive publicado um livro sobre o assunto, *Barragem do Patu, os desconhecidos de uma obra*, do historiador Adriano Bezerra. Com tudo nas mãos, Flávio partiu para a execução do projeto.

Assim, diariamente ele convocava o elenco e a equipe de apoio para subir até as proximidades da barragem do Patu, cenário do filme e da tragédia, a cerca de 3 Km da sede do município. Não tinha tempo ruim, antes das 8 horas da manhã o diretor queria todo mundo reunido para passar as primeiras orientações. Quanto mais cedo melhor para aproveitar até o último raio de sol.

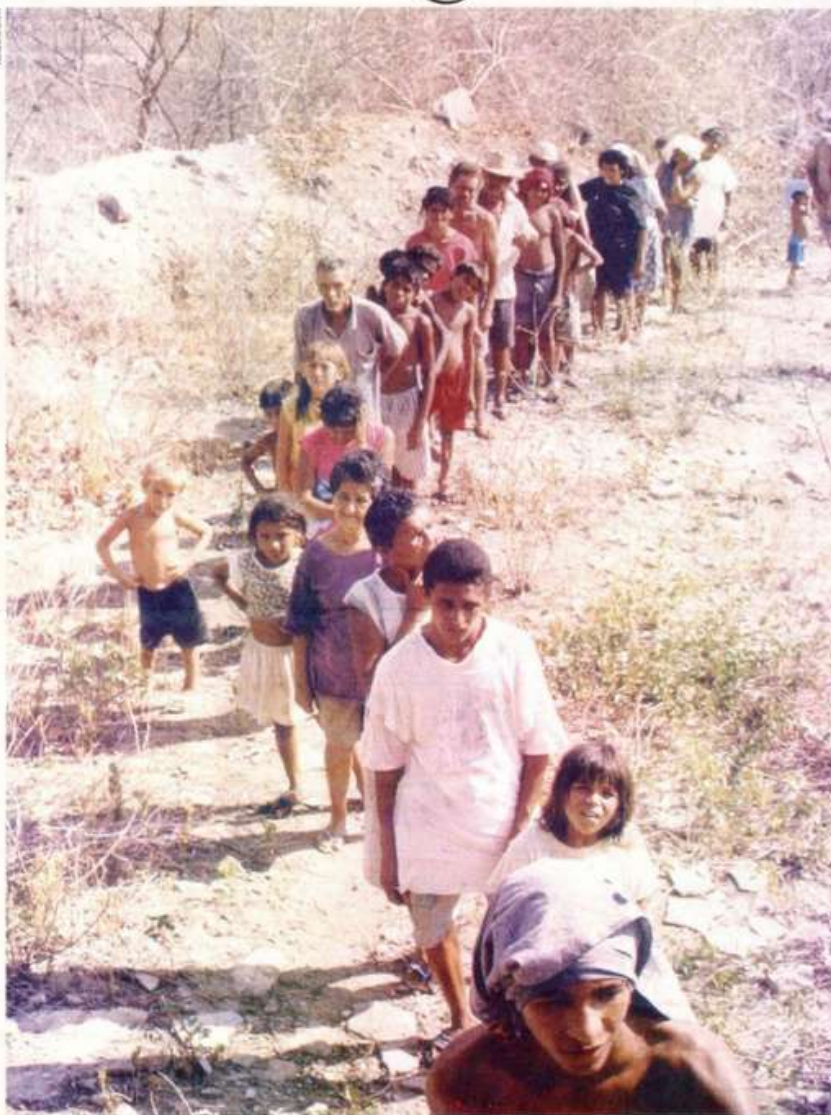
O equipamento não passava da câmara, um tripé, um rebatedor de luz improvisado, os trilhos do trem reconvertidos com suportes de cortina e uma fitra para a lente da câmara - presente de um repórter da Globo que esteve em Senador Pompeu ano passado para cobrir a dita história do campo de concentração, que foi ao ar no *Famílias*.

Passo-a-passo, Flávio explica o roteiro e as cenas que serão feitas no dia. "Pessoal é o seguinte, o filme se passa na seca de 32. Os retirantes se dirigiram à Serra do Patu esperando encontrar comida farta - promessa do governo - mas ao chegar se depararam com mais miséria, epidemias, fome e são impedidos de sair. Só a chuva, quando chega no final, põe fim ao sofrimento. Então eu quero todo mundo com cara de fome e gemendo alto", orienta. E começam as primeiras tomadas: retirantes agonizando nas estradas, violência do corpo da guarda e muita fome.

A ideia, que parecia maluco, foi tomando corpo e ganhando apoio da população de Senador Pompeu



Flávio Alves, mentor do projeto, e ainda roteirista, diretor, cinegrafista e maquiador



■ População de Senador Pompeu vive os retirantes da seca de 1932 nas filmagens de *Cerca Seca*

Miséria e indiferença

A cada cena de *Cerca Seca*, a impressão que se tem é estar diante de um filme "trash" ou algo parecido. Sangue espalhado por todos os lados, senhoras chorando escandalosamente a morte do filho, ches famintos mordendo a carne fresca dos mortos, meninos banhados de sangue fresco de boi. Um horror. Ao fundo gemidos e gritos desesperados. Em meio a tanta tragédia, alguém arrisca mandar um palpite: "não é melhor colocar os velhos na frente?"

A criança chora, os velhos resmungam. Outros caem na galgalhada, indiferentes aquela miséria que

não é tão diferente da sua. De repente, grita um de lá: "fulana grme mais alto senão a negrada não acredita que tu tá com fome". E ela responde: "É tá mesmo. Esse negócio não termina mais hoje". Um rápido intervalo para o almoço e aliviar o calor. Uma hora depois recomeçam as filmagens que vão até o anoitecer.

O insistente diretor refaz infinitas vezes as mesmas cenas no intuito de dar um acabamento mais profissional ao trabalho. São enquadramentos fechados, abertos, de cima para baixo, de baixo para cima... E só as crianças parecem não se incomodar com

tanto calor e sede. Algumas tiram até um cochilo no chão pedregoso pegando fogo. Aproveitam os momentos em que, obrigadas a se fingir de mortas, podem dormir sem dar ouvidos aos gritos dos desesperados. Não existem grandes personagens na história. Na verdade, cada retirante não passa de um número, que espera ansiosamente o trem que chega da capital trazendo a única alimentação do dia: cada família recebe um punhado de feijão, sangue coado do boi e farinha, enviados pelo governo para manter os 15 mil retirantes sem-vivos. Não existem diálo-

gos. Só gemidos e choro. No meio da tragédia surge um personagem que chama a atenção. A carga dramática da beata, que chora os mortos, vela, se revolta contra os guardas e divide o pouco que tem, dá vida ao filme. Maria de Lourdes Filgueira da Silva, conhecida como Dida, que participou sem grandes pretensões e levando na mala a experiência das peças de teatro da escola. Agora se sente uma verdadeira atriz. "Nunca pensei que me sairia tão bem diante de uma câmara", empolga-se com o repentino sucesso.

Leia mais na 5B

Indifolha

"Mr. Bean" lidera filmes mais vistos na Argentina
1. "Mr. Bean - O Filme" de Mel Smith
2. "O Advogado do Diabo" de Taylor Hackford
3. "Cop Land" de James Mangold

"Central" agrada público em Sundance

Produtor do filme, o suíço Arthur Cohn diz à Folha que tem orgulho do projeto

O melhor da TV

Reportagem Cidadania Especial
Reportagem sobre meio ambiente em SP
Cultura, 22h30
FOX
"Spice Girls - Por Elas Mesmas"
Especial sobre a vida das cantoras britânicas
Fox, 16h30

Folha Informações Ilustrada

0900-78-0311

Dicas de diversão noturna, restaurantes, melhores filmes (cinema e vídeo), audição de músicas, leitura de peças teatrais e roteiro de museus e galerias

Até 15 de fevereiro de 1998, 24h por semana
Registros de atendimento: sobre o telefone (011) 224-5117



Mikhail Baryshnikov, 50, estrela espetáculo solo em Nova York (na foto, durante apresentação no Olympia, em São Paulo). Pág. 4-5

Luz, câmera, feijão

Filme 'Cerca Seca' recompõe a morte de mil pessoas em 1932; no 'campo de concentração' de Senador Pompeu (CE); atores foram pagos com cestas básicas doadas pela população

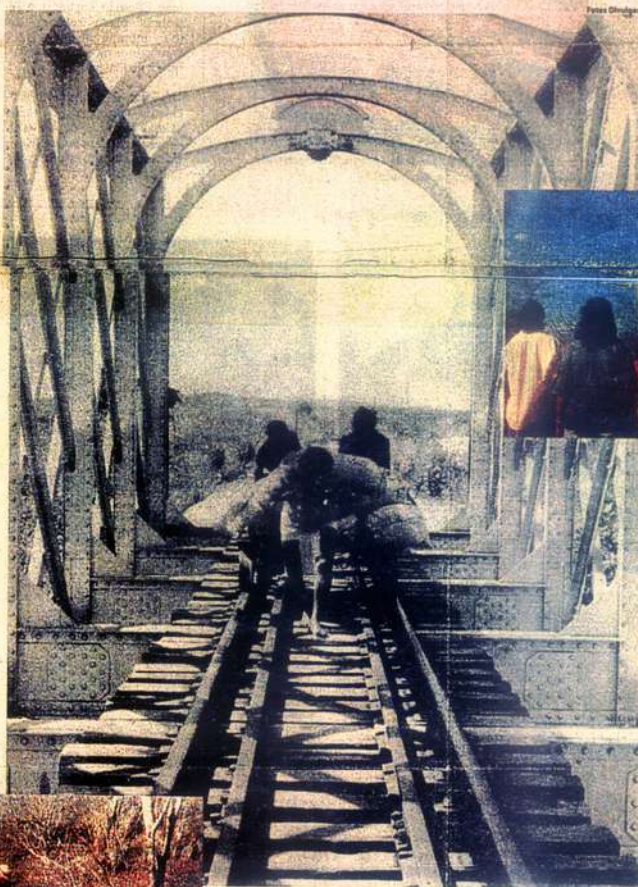
OS SOBREVIVENTES

"Os mortos eram levados em redes para o cemitério e jogados dentro das valetas (...). Quando chegava um boi, o sangue era colocado em tachos e torrado como café, servindo de tempero. Acho que foi isso que matou muita gente (...). As pessoas não podiam sair da área do Patu, e, quando um 'pobre-cristo' se enfiava, era levado à prisão, era preso para o 'sebo', uma prisão de três paus."

Depoimento de Mauro Antônio de Moraes, 64, que narra o filme "Cerca Seca"

"Meu pai levou a família para a concentração. Minha irmã mais nova tinha 13 dias. Fomos hospedados nos barracamentos, feitos com paus e cobertos de palha. Quando chovia, molhava tudo (...). Distribuíam um pouco de feijão preto, farinha-de-gua e açúcar mascavo, que dava dor de barriga (...). Os bichinhos pediam para comer, e a mãe dizia: 'Tem só o Pai, o Filho, o Espírito Santo e a água no pote. Quando vocês têm (sic) fome, vão beber água.'"

Depoimento de Maria das Douras da Silva, 72



DENISE MOTA da Redação

A exemplo do que aconteceu há 66 anos, famílias inteiras do município cearense de Senador Pompeu (280 km a sudoeste de Fortaleza) saíram de casa, em julho passado, e enfrentaram longas caminhadas sob o sol em busca de comida. Beatas, lavradores e crianças viram parentes morrer no caminho e sentiram a fome e a morte prevalecer sobre a vida.

Assim como as condições, quando a maior seca de todos os tempos se alojou no Nordeste.

A diferença é que, desta vez, eles revivem o drama como atores de "Cerca Seca", filme em Super VHS que pretende retratar a seca de 1932 e a morte de mil pessoas, no que ficou conhecido como o "campo de concentração da Barragem do Patu", no Ceará.

Dirigido pelo cineasta estreante Flávio Alves, 23, o filme custou, até agora, R\$ 4.800. Ainda faltam trabalhos de edição e acabamento.

O baixo custo se justifica: ninguém na produção recebeu salário. O pagamento pelas atuações foi uma cesta básica, doada pela população, com arroz, feijão, farinha de milho, macarrão, açúcar e café, distribuída a cada 15 dias.

Alves diz ter pedido patrocínio da prefeitura local, "mas eles falaram que o projeto não ia dar voto". "Isso não é verdade. Ele nunca mandou esse projeto para mim", afirma o prefeito de Senador Pompeu, Manoel Luciano de Almeida.

Segundo o diretor, o projeto também foi enviado para a Secretaria da Cultura do Ceará. "Não tivemos resposta", disse o cineasta.

De acordo com a coordenadora do birô de cinema do Ceará, Elisabete Jaguaribe, o projeto também não chegou até a Secretaria Estadual da Cultura.

"Cerca Seca" narra a seca de 32 do ponto de vista de Francisco, um garoto que chega sozinho a um posto de distribuição de alimentos do governo e logo descobre que não poderá mais sair de lá.

Sobrevive à má alimentação, a políbio, a uma epidemia de cólera e presença um cenário de horror, em que "os guardas arrancavam o fígado dos mortos, por ser um dos primeiros órgãos a entrar em de-

composição e o entregava aos cachorros", segundo Alves. Narrador do filme, Francisco, ao envelhecer, é interpretado por um sobrevivente da seca: Mauro Antônio de Moraes, de 64 anos (leia depoimentos à esquerda).

O filme está com 95% das cenas prontas, todas realizadas em Senador Pompeu, no Largo da Barragem, cenário real dos acontecimentos.

Conselheiro e preservação

Flávio Alves integra um ativo centro cultural de Senador Pompeu, município que tem 20 mil habitantes. O diretor participa do grupo de preservação "19-22", que luta pela conservação dos casarões da Vila dos Ingleses — local da concentração, construído originalmente em 1919 para abrigar a família de técnicos ingleses que construíram a barragem do Patu (concluída somente em 84).

Sobre o assunto, o grupo teatral Pirilume, de Senador Pompeu, também ensaia "Onda Seca" — um Novo Olhar de Conselheiro sobre o Sertão, monólogo que deve estreitar em Fortaleza, em fevereiro. No espetáculo, Antônio Conselheiro analisa a construção das barragens.

Os casarões ainda não foram declarados patrimônio histórico, mas o grupo "19-22" já conseguiu, por meio de liminares, que a prefeitura colocasse um guarda para vigiar as construções. "Queremos transformar o local em um museu", afirma Alves.

Em "Cerca Seca", Flávio Alves repete a experiência de trocar comida por cultura iniciada na companhia teatral Articultura Metade de Nós, da qual também faz parte. O grupo apresenta peças em Senador Pompeu ao ingresso de um quilo de alimento.

A companhia se mantém à custa de filmagens de casamentos e formaturas e ainda coordena um centro cultural no município, que oferece 12 cursos para a população.

Romaria

Todos os anos, desde 1992, no segundo domingo de novembro, cerca de 2.000 habitantes de Senador Pompeu realizam procissões até o cemitério da Barragem do Patu para rezar e agradecer por milagres obtidos em promessas feitas com as vítimas da seca.

O mais fútil deles talvez seja o de manter viva, no sertão central do Ceará, a lembrança da morte de um milhar de flagelados, em episódio ainda pouco conhecido dos brasileiros.

CE registrou sete concentrações

da Redação

A "Concentração" de Senador Pompeu, como o local ficou conhecido entre os habitantes do município, repete uma realidade que se tornou constante no Ceará entre o fim do século 19 e a primeira metade deste século.

De acordo com monografia do professor de história Adriano Bezerra, 23, que se transformou no livro "Barragem do Patu - Descaminho de uma Obra", houve sete concentrações como essas no Estado, em Ipu, Crato, Quixeramobim, Senador Pompeu, Quixadá, Russas e em Fortaleza.

O confinamento de pessoas famintas teve início em 1877, na capital cearense, no Campo do Urubú, em que mil pessoas morreram de tifo. O episódio ficou conhecido

como a "Noite dos Mil Mortos".

Em 1932, com a escassez das chuvas em Senador Pompeu, um posto do governo federal para distribuição de comida reuniu 16 mil pessoas na Barragem do Patu (a 2 km do centro do município). Os alimentos distribuídos eram feijão preto, açúcar mascavo, farinha, coração e pulmão de boi.

Com comida escassa e de má qualidade, os doentes eram proibidos de sair dos abrigos, tornando-se prisioneiros. Estima-se que morreram mil pessoas no local.

Senador Pompeu, fundado em 1896, já foi um dos maiores produtores de algodão do Ceará. A produção cessou em 1982, e o município vive de um pequeno comércio e de plantações voltadas para a subsistência. "Agora, só exportamos retirantes", diz Bezerra. (DM)



Acima, no centro, cena de "Cerca Seca"; nas fotos menores, bastidores da produção, que retrata a seca de 1932 em Senador Pompeu (CE)

Senador Pompeu teve

300

litros de chuva, em média, durante o período em que ocorreu a seca

Média da cidade era de

711

ml anuais de chuva; em janeiro de 1933, Senador Pompeu registrou índice pluviométrico de mais de 1.000 ml

Participam do filme

283

atores amadores, todos habitantes do município cearense de Senador Pompeu

Habitantes doaram

8.400

quilos de alimentos — entre arroz, feijão, macarrão, farinha de milho, açúcar e café — em seis meses



Folha 2

Documentário narra episódio nefasto envolvendo a seca de 32 no Ceará

PUBLICAÇÃO

quinta-feira, 08 de julho de 1999

POR JÚLIO GAMA



FOLHA no Google News

São Paulo, 09 (AE) – Luiza Pereira Lobo, 73 anos, cearense do sertão central, rosto riscado pelo tempo qual solo esturricado, costas curvadas pelo cansaço, memória falha, mal consegue lembrar onde guardou a caixa de costura 20 minutos atrás, mas não esquece o dia, o mês, a hora, a roupa que usava e a fome que sentia quando entrou no inferno, às 7 horas do dia 10 de maio de 1932. Há 67 anos, então com 6, a pequena Luiza, o pai a mãe, a avó e mais oito irmãos, chegaram à Comissão, nome técnico de um verdadeiro campo de concentração montado pelo governo cearense para isolar os milhares de miseráveis, vítimas de uma das maiores secas do século no Estado.

Luiza perdeu o pai, a mãe e os oito irmãos. Morreram de fome, de sede, de exaustão, de disenteria, de cólera. Das 16 mil pessoas que entraram no campo, pelo menos mil morreram. O relato emocionante de Luiza, assim como o de outros 22 sobreviventes, são o ponto de partida do documentário-ficção "Serca Seca" (assim mesmo, com s), de 70 minutos, que está sendo finalizado pelo cearense Flávio Alves, de 24 anos. Não há no filme de Alves nenhuma proposta de inovação estética. "Minha pretensão é contar essa história e ajudar as pessoas daquele lugar", explica o diretor. O lugar é Senador Pompeu, distante 270 quilômetros de Fortaleza, no chamado sertão central do Ceará.

A formação de Alves resume-se aos cursos de edição, fotografia e iluminação oferecidos gratuitamente pelo Senac, em São Paulo. Além de dirigir o filme, ele é também produtor, roteirista, iluminador e maquiador. A palavra cerca é grafada



Veja a matéria

com EN SU no título porque, segundo Alves, era assim que as crianças da LU Bfig DuOraçãoFAZER escreviam durante as filmagens. Pagamento em comida – "Serca Seca" começou a ser rodado em julho de 1997 e foi interrompido inúmeras vezes sempre pelo mesmo motivo: falta de dinheiro. Para arregimentar cerca de 300 figurantes, o diretor imaginou que poderia pagá-los com comida. Lançou uma campanha de arrecadação de alimentos numa das principais rádios da região. Em menos de um mês, reuniu 4,8 toneladas de alimentos não perecíveis. Até onde se tem notícia, pela primeira vez no cinema os figurantes foram pagos com arroz, feijão, milho e pão. "O problema depois foi que ninguém queria morrer no filme para não parar de receber a comida", conta o diretor.

O filme agora está "por pouco", conta Alves. "Falta apenas editar alguns trechos e sonorizar". A trilha é um de seus orgulhos. Foi feita por Manassés de Souza. Custou R\$ 8 mil, custeados pela Secretaria de Estado da Cultura do Ceará. O filme já consumiu R\$ 14 mil. Ele tem 30 horas gravadas em super-VHS. Camelô – Sem dinheiro para concluir o filme (faltam R\$ 4 mil), Alves voltou há poucos meses para São Paulo, onde viveu por oito anos – entre 89 e 93 em Sorocaba e de 93 a 96 na capital. Mora com a mulher e a filha de 1 ano numa quitinete no centro da cidade. Sem emprego fixo, virou camelô e perambula pelo centro da cidade vendendo dezenas de camisetas com a estampa de seu filme. Tira R\$ 600 por mês, repartidos entre o sustento da família e a poupança para finalizar o filme. Ele quer lançar "Serca Seca" até o fim de agosto numa sessão para os moradores de Senador Pompeu.

O município, próximo à Barragem do Patu, foi escolhido para receber uma das sete comissões montadas pelo governo e acabou sendo palco de uma experiência nefasta. O que os sobreviventes de Senador Pompeu chamam de "inferno" somente ganharia a denominação "campo de concentração" sete anos mais tarde, com o nazismo na Alemanha. Essa história sombria começa alguns anos antes, em 1919. Decidido a dar um basta nas secas que desde sempre castigavam o Ceará, o governo da época resolveu construir uma barragem a partir das águas dos Rios Patu e Banabuiú.

As obras tiveram início no mesmo ano e foram tocadas pela empresa inglesa Wight P. Robson, que tivera carta branca para instalar seus engenheiros na região. "Eram engenheiros ingleses e peões nordestinos", relata o cineasta. A empresa inglesa construiu confortáveis casarões para os seus funcionários. As construções em estilo gótico com alpendres destoavam da paisagem miserável e árida da caatinga. Distante um quilômetro das mansões foi construída a vila operária: cerca de 200 casas feitas de taipa, com pilares de bambu revestidos de barro seco.

Quatro anos mais tarde, por falta de dinheiro, foi decretada a paralisação definitiva das obras. Os operários e suas famílias se estabeleceram definitivamente no local e passaram a sobreviver do plantio de milho e feijão. O arquiteto e urbanista Irani Fogaça escreveu sua tese de graduação no ano passado sobre a reforma dos casarões construídos pelos ingleses em Senador Pompeu. Ele passou dez dias na região. "Construíram uma pequena cidade com 12 casarões, mais a vila operária e hospital, escola e armazém", conta. "E hoje está tudo abandonado".

A estiagem de 32, no entanto, seria mais violenta do que a que estavam acostumados a se safar. Como a chuva não vinha, o gado morria e a comida chegava ao fim, milhares de pessoas começaram uma série de saques a

Em mercados, quitandas e onde mais encontrassem comida. Com o calor médio de 42 graus da região, as invasões ao comércio ganhavam adeptos em cidades vizinhas: Mombaça, Acopiara, Solonópolis, Iguatu, Pedra Branca. Preocupado com o aumento dos saques e com a massa de flagelados ameaçando migrar para a capital, no mês de abril o governo decidiu criar sete campos de apoio aos quais chamou de comissões. Havia comissões em Quixeramobim, Ipu, Crato, Quixadá, Juazeiro do Norte, Fortaleza e Senador Pompeu.

"O governo dizia que quem quisesse escapar da fome e da sede era só se dirigir para uma das comissões", conta Alves. "Sem opção, gente de todos os lugares partiu para esses redutos". Senador Pompeu era o destino dos famintos das cidades vizinhas. Cabeças raspadas – A chegada dos flagelados brasileiros nas comissões assemelha-se ao modo como os judeus eram recebidos nos campos nazistas. Em Senador Pompeu, as pessoas tinham a cabeça raspada por causa dos piolhos, recebiam uma combinação de calça e camisa brancas feitas de sacos de açúcar e os chefes de família ganhavam uma senha que lhes daria direito a uma cesta básica. Ironia, em maio de 32, o governo Vargas baixava o decreto 21.354 que estabelecia a jornada de oito horas na indústria e, semanas mais tarde, novo decreto estabelecia o princípio de salário igual para trabalho igual. Para os moradores de Senador Pompeu não havia trabalho tampouco salário. A miséria igualava-os.

Em pouco tempo, cerca de 16 mil famílias instalaram-se no campo de Senador Pompeu. "Quem entrasse não podia sair", lembra o sobrevivente Guilherme Sabino, de 74 anos. Soldados montavam guarda nas trilhas de acesso ao campo. "Eles tomavam todas as bocas de caminho", narra. "Quem cismasse de fugir era levado para o sebo". O sebo era a prisão, um cubículo de dois metros quadrados construído em taipa. Tripas de boi – A "cesta básica" distribuída no campo consistia num punhado de feijão preto, farinha, tripa e sangue de boi coalhado. "Quem comia morria de disenteria e quem não comia morria de fome", resume outra sobrevivente, dona Emília, de 78 anos. Às vezes era dado café, açúcar e arroz, mas só a papa, chamada de xeréu. As filas para receber a comida começavam a ser formadas por volta do meio-dia e ainda à noite havia quem esperasse pelo alimento. "Como o feijão era velho, estragado, as pessoas socavam os grãos com o pilão e cozinhavam aquela massa", conta o diretor. "Lembro que o sangue de boi coalhado era torrado com café e feijão", conta a sobrevivente Luiza Lobo. "Quase todo mundo que a gente conheceu lá dentro morreu", relata outra sobrevivente, Maria de Jesus. "Comíamos farinha velha com sangue de boi". Segundo contam os sobreviventes, coveiros revezavam-se em turnos para trabalhar 24 horas por dia tantos eram os mortos. "Os corpos eram jogados em valas cobertas por pedras para evitar a presença de cachorros e de urubus", descreve o diretor. Governo ignora – No Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Denocs), em Fortaleza, não há registros do episódio. "Não há dados oficiais porque é muito antigo", informa a direção do Denocs por meio de seu assessor de Imprensa, José Clayton. O órgão responsável pelas secas na época era a Inspeção Federal de Obras contra as Secas (Ifocs). Em fevereiro de 33, 11 meses depois de aberto o campo de concentração de Senador Pompeu, uma forte chuva desabou sobre a região e as pessoas começaram a voltar para as suas terras.

Desde então, uma vez por ano, uma procissão sai às 4 horas da manhã do

Um documentário de Senador Pompeu e caminha cerca de três horas até o acampamento de concentração, hoje conhecido como Cemitério da Barragem do Patu. No trajeto, cerca de 4 mil pessoas acompanham a reconstituição de algumas das situações vividas por seus pais e avós. Relembra a tragédia para não perdê-la na memória. Como se precisasse.



Veja a matéria